

“Pais dependentes, filhos responsabilizados”: cuidados filiais em tempos de neoliberalismo

Eduardo da Silva¹; Marlene Tamanini²

Resumo

Neste texto tem-se o objetivo de compreender a visão que filhas e filhos jovens possuem sobre possíveis cuidados a pais que serão dependentes, seja por doença ou por envelhecimento, bem como se possuem intenções enquanto provedores de cuidados. Embora os cuidados possam ser atribuídos a outros indivíduos nas famílias, existem expectativas que provêm de dimensões variadas para que filhas e filhos encabecem os cuidados em situações em que pais tornam-se dependentes. Arranjos assim, conforme os filhos, podem constituir uma espécie de contradádiva, de dignificação familiar ou de reciprocidade afetiva. A fim de atender ao objetivo, com base em um questionário com perguntas abertas e fechadas disponibilizados online, foram contempladas as percepções de cinco jovens trabalhadores e trabalhadoras (três rapazes e duas moças). A partir das análises, foram empreendidas reflexões sobre cuidados, família e trabalho em tensão com uma configuração de sociedade neoliberal.

Palavras-chave: cuidados filiais; jovens; neoliberalismo.

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná. Mestre e Doutorando em Sociologia pela mesma universidade. (dudu1991eduardo@gmail.com).

² Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-Doutora pela Universidade de Barcelona. Professora no Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Paraná e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero da mesma universidade. (tamaniniufpr@gmail.com).

“Dependent parents, accountable children”: filial care in times of neoliberalism

Abstract

This article aims to understand the notion that daughters and sons have about caring for parents who might become dependent in the future, as well as whether they have intentions in becoming actual caregivers. Although other family members may assume the responsibility for the task, there are expectations originating from several places that dictate daughters and sons must commit to caregiving in situations where their parents become ill and/or elderly. Such arrangements may constitute a form of counter-gift, familial and/or personal dignification and even display of affection. To meet this objective, based on an online survey of open and closed-ended questions, the insights of five young working people (three men and two women) were contemplated. From the analyses of these accounts, considerations about care, family and work were employed, indicating tensions with a neoliberal society configuration.

Keywords: filial care; young people; neoliberalism.

Introdução

A ideia de trabalhar com as impressões de filhas e filhos jovens sobre possíveis cuidados a pais dependentes veio algum tempo depois da conclusão da pesquisa de mestrado do primeiro autor. Naquela, houve a preocupação de focalizar as experiências de cuidados a doentes oncológicos vividas por “acompanhantes-cuidadoras”. Acompanhantes-cuidadoras foi um termo cunhado para dar conta daquilo que viviam tais mulheres. Geralmente familiares das pessoas doentes – irmãs, filhas ou esposas -, eram acompanhantes frequentes nas idas destas ao Hospital Erasto Gaertner, na cidade de Curitiba, e também cuidadoras principais em relação a outros membros da família.

Chamou-nos a atenção as justificativas que filhas atribuíam aos cuidados de pais doentes: o cuidado fora apresentado como uma espécie de obrigação, de dever ou ainda como uma espécie de dádiva no sentido maussiano, pedindo uma contradávida (“cuidar de quem

cuidou de mim”). Haveria, assim, a incidência de tais percepções em filhas e filhos pertencentes a um grupo etário mais jovem? Tal pergunta justifica nosso recorte, bem como uma curiosidade de contemplar ainda as percepções de rapazes acerca de tarefas lidas como femininas; no caso, aquelas referentes aos cuidados.

Sabe-se que vivemos em uma configuração social na qual as famílias possuem um lugar elementar no que diz respeito à provisão de cuidados (SUNKEL, 2006). Dentro dela, os cuidados são arremessados e esperados das mulheres. Do mesmo modo, em situações de dependência dos pais, é esperado que filhas e filhos (estes em menor medida) assumam o encargo de cuidadores. O respaldo para isto provém de diferentes âmbitos: do religioso, do jurídico, do cultural, entre outros.

Também inspirou este texto uma pesquisa proveniente dos campos da Medicina e do Serviço Social, a qual fora desenvolvida por Fernanda Maria Fávere Augusto, Ivanete Pereira da Silva e Maurício de Miranda Ventura (2009). Nela, buscaram focalizar as narrativas de cinco filhas e filho cuidadores de pais idosos acamados e com comprometimento cognitivo. Diferentemente do contexto observado por Augusto et al. (2009), aqui, os colaboradores não possuem vivência com os cuidados. Sendo assim, objetivamos olhar para as percepções e intenções de potenciais cuidados, perseguindo as seguintes perguntas: Como filhas e filhos jovens enxergam a relação que possuem com seus pais? A ideia de possíveis cuidados aos pais é percebida como uma factibilidade pelos jovens, ou seja, é discutida e tida como possibilidade futura? Veem como viável uma conciliação entre cuidados a pais dependentes e mercado de trabalho? Por acaso têm intenções enquanto provedoras e provedores de cuidados?

Enfatizamos que, para o propósito deste exercício reflexivo, foi disponibilizado um questionário de perguntas abertas e fechadas constituído por três etapas para cinco jovens, cujas idades variaram de 19 a 23 anos, que demonstraram interesse em colaborar conosco. A chamada para colaboradores aconteceu através das funções *Facebook*

Stories e *Instagram Stories* em março de 2020 e foi empreendida pelo primeiro autor.

Uma terceira discussão mostrou-se elementar para o delineamento de nossas reflexões: “Contradições entre Capital e Cuidado”, de Nancy Fraser (2020), onde a filósofa demonstra que a chamada “crise do cuidado” é reforçada por uma configuração neoliberal de sociedade. Acreditamos que o neoliberalismo é apenas uma variável para entendermos os desafios que cercam os cuidados. Porém, sendo ele sobretudo uma forma de racionalidade, como sugerido por Pierre Dardot e Cristian Laval (2016), é possível perceber seus atravessamentos nas percepções e intenções de filhos jovens sobre os cuidados?

A atual roupagem do capitalismo, “capitalismo financeirizado globalizador”, como prefere Fraser (2020), implica em tensões entre o duo cuidado e mercado de trabalho. A tensão é marcada principalmente pela ausência do Estado no oferecimento de políticas de cuidados, algo que acaba por sobrecarregar mulheres no interior das famílias. De fato, o produto interno bruto (PIB) das nações ganha substância com base em [muito] trabalho feminino invisível.

Uma vez que há a exigência de trabalhadoras e trabalhadores polivalentes e devotados às suas funções, tem-se como resultado o minoramento de tempo para o cuidado de si e também para o cuidado do outro. Novamente, vale ressaltar que isto afeta principalmente as mulheres, que, desde os anos 1970, trabalham formalmente fora de suas casas e conciliam isto com o trabalho dentro delas. Contudo, mesmo com a organização familista e feminizada dos cuidados, em situações de indivíduos dependentes, a escolha por um cuidador principal dentro das famílias pode motivar conflitos, descontentamentos e revelar enorme desvalorização das atividades relativas ao âmbito privado.

O presente texto não visa universalizar experiências, mas sim servir como campo de reflexões para uma sociologia dos cuidados que

tenha como foco as percepções de filhas e filhos sobre suas relações com os pais. Intenta, ainda, servir como momento de passagem entre uma pesquisa em que as protagonistas eram as acompanhantes-cuidadoras e uma futura, na qual se terá o propósito de compreender as agências de filhas e filhos diante das expectativas de cuidados, apesar da estrutural feminização dessas tarefas.

Em resumo, o texto encontra-se organizado em quatro momentos importantes. Neste instante de introdução, apresentamos aos leitores um pouco do processo que levou à construção das questões. Em seguida, são contempladas algumas discussões sobre capital e cuidados. Em um terceiro momento, são elucidadas as percepções e intenções de filhos jovens sobre possíveis cuidados aos pais. Em um momento de conclusão, enfim, são retomados os pontos cruciais de todo o conteúdo.

Capitalismo Financeirizado, Famílias e Cuidados

A pergunta que justifica a discussão apresentada nesta subseção é a seguinte: se o neoliberalismo é também uma racionalidade que penetra subjetividades e orienta a ação (DARDOT; LAVAL, 2016), ele oferece tensões para uma cultura de cuidados? Entendemos que os desafios dos cuidados não podem ser explicados unicamente sob a luz de uma configuração neoliberal, existem outras variáveis possíveis. Os desafios relacionam-se com a cultura do envelhecimento, com as diferenças geracionais, com a falta de perspectivas, com a falta de políticas, com a falta de recursos, entre outros. Porém, considerando os olhares de filhos jovens e trabalhadores, tal racionalidade desponta como organizadora do presente e também como organizadora e/ou em conflito com intenções de cuidados.

Segundo a filósofa Nancy Fraser (2020), o capitalismo foi capaz de reinventar-se várias vezes no desenrolar da história. No século XIX, assumiu a forma de capitalismo liberal concorrencial. No XX, passou a ser um capitalismo administrado pelo Estado. No tempo

presente, enfim, vive-se sob o capitalismo financeirizado que atua de forma global. Esta última modalidade do capitalismo tem particularidades especiais: coloca a indústria em locais em que os salários são baixos e investe numa diminuição de investimentos em bem-estar social, podendo ser tais investimentos provenientes do Estado e das próprias empresas.

Aquilo que Fraser (2020) chama de capitalismo financeirizado ganha as discussões do filósofo Pierre Dardot e do sociólogo Christian Laval (2016) como capitalismo neoliberal. Entretanto, este tipo de capitalismo não é apenas um sistema econômico, mas sim uma racionalidade, que adentra subjetividades e acaba por reger as ações de seres humanos, tanto governantes quanto governados. Assim, o neoliberalismo, através de discursos, dispositivos e práticas, determina que os indivíduos comportem-se como empreendedores de si próprios, ou seja, que funcionem eles mesmos sob a lógica de uma empresa mesmo em um cenário de capitalismo selvagem. A concorrência é um marcador central nesta forma de racionalidade. Sobre a noção de “empreendedor de si”, tais estudiosos enfatizam...

Com efeito, o novo governo dos sujeitos pressupõe que a empresa não seja uma “comunidade” ou um lugar de realização pessoal, mas um instrumento e um espaço de competição. Ela é apresentada idealmente, acima de tudo, como o lugar de todas as inovações, da mudança permanente, da adaptação contínua às variações da demanda do mercado, da busca de excelência, da “falha zero”. Desse modo, injunge-se o sujeito a conformar-se intimamente, por um trabalho interior constante, à seguinte imagem: ele deve cuidar constantemente para ser o mais eficaz possível, mostrar-se inteiramente envolvido no trabalho, aperfeiçoar-se por uma aprendizagem contínua, aceitar a grande flexibilidade exigida pelas mudanças incessantes impostas pelo mercado. Especialista em si mesmo, empregador de si mesmo, inventor de si mesmo, empreendedor de si mesmo: a racionalidade neoliberal impele o eu a agir sobre si mesmo para

fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 325).

Retomando Fraser (2020), as transformações do capitalismo foram acompanhadas também de mudanças nas expectativas em torno da vida familiar/vida privada. Com o capitalismo liberal concorrencial do XIX, teve vez o projeto de “esferas separadas”, ou ainda, aos homens caberia a vida pública e às mulheres a vida privada. Com o advento do capitalismo administrado pelo Estado do XX, ganhou destaque o “salário que consegue manter uma família”, devendo ser destinado ao elemento masculino, somente. Tanto o primeiro quanto o segundo projetos apresentaram-se como realidades inalcançáveis para uma parte expressiva dos indivíduos. Com o capitalismo financeirizado globalizador do presente, por fim, surgiu o modelo da “família de dois ganhadores de salário”. Se tomamos este último modelo para enxergarmos as realidades familiares dos jovens, precisamos ressaltar que eles também estão no mercado de trabalho e, portanto, fora da dicotomia público/privado do passado.

Além disso, cabe salientar que o capitalismo financeirizado globalizador também convoca para a força de trabalho paga as mulheres, minorando a disponibilidade destas para a execução dos trabalhos do cuidado. Tais encargos, assim, acabam transferidos para as famílias e para as comunidades (FRASER, 2020). Um estudo desenvolvido pela socióloga Arlie Russel Hochschild (2012) é ilustrativo sobre a responsabilização de familiares pela provisão de cuidados e também da chamada crise do cuidado no contexto de países ricos, já que recrutam trabalhadoras do terceiro mundo para suprirem a falta de pessoas para a execução desses serviços.

Hochschild (2012) olha para as realidades de trabalhadoras filipinas, que, devido à pobreza em seu país de origem, vão para países do primeiro mundo trabalhar como babás, precisando deixar seus próprios filhos sob os cuidados de outros membros da família. Uma vez distantes de casa, oferecem para crianças do primeiro mundo uma “segunda camada de cuidados”, enquanto seus próprios filhos não

podem contar com elas. As babás filipinas experienciam aquilo que Hochschild (2012) chama de “desigualdade emocional”.

Mesmo os novos arranjos, nos quais famílias e comunidades são responsáveis pelos cuidados, não são suficientes para ocultar a supramencionada “crise do cuidado”, que concerne a uma atual fragilização da potencialidade do cuidar de lares e comunidades, do cuidar de pessoas queridas (amigos; familiares) e do gerar e cuidar de crianças. Fraser (2020) associa outros termos a essa crise: “equilíbrio entre trabalho e família”, “esgotamento social” e “pobreza de tempo”.

A definição que a teórica atribui ao trabalho de cuidado é exemplar...

Tal trabalho, constituído tanto de labor afetivo como de labor material e frequentemente realizado sem paga, é indispensável para a sociedade. Sem ele, não poderia haver qualquer cultura, qualquer economia, qualquer organização política. Nenhuma sociedade que mine a reprodução social de modo sistemático pode durar por muito tempo. Hoje, porém, uma nova forma de sociedade capitalista está fazendo exatamente isso. O resultado é uma crise enorme, não só do cuidado, mas da reprodução social nesse sentido mais amplo (FRASER, 2020, p. 262).

O argumento central de Fraser (2020) é o de que o capitalismo é parasitário das atividades socio-reprodutivas. Ele mostra-se dependente de uma série de encargos que se desenrolam em seus bastidores, tais como os de cuidar, interagir e prover, sobretudo nos casos de crianças e de idosos. Entretanto, nada disso é reconhecido em termos monetários. Tomando novamente as palavras da teórica, a estrutura capitalista seria inviável se “faltassem o trabalho doméstico, a criação de crianças, a escolarização, o cuidado afetivo e uma gama de outras atividades que servem para produzir novas gerações de trabalhadores e repor as existentes, bem como para manter vínculos sociais e compreensões compartilhadas” (FRASER, 2020, p. 264-265).

Segundo a cientista política Joan Tronto (2020, p. 27-28), os cuidados são característicos da vida humana. Por muito tempo têm sido feitos por mulheres e por outros grupos marginalizados, tais como empregadas domésticas, escravizados, classes populares, castas inferiores ou outros. Para ela, contudo, o cuidado não pode ser compreendido apenas como sentimento, como disposição ou como uma série de ações. Ele diz respeito a um conjunto complexo de práticas, que englobam desde sentimentos até ações mais amplas, como os sistemas públicos de educação. Ou seja, ele é também uma espécie de régua para se pensar o poder político.

Para se entender o cuidar, Tronto (2020) salienta três principais pontos. Em primeiro lugar, o cuidado é relacional e pressupõe que haja interdependência entre as pessoas. Além disso, ele é contextual e não essencialista, ou seja, embora todas as pessoas possuam as mesmas necessidades básicas, o provimento de tais necessidades pode ser encarado de diferentes formas conforme as culturas, os grupos, as pessoas. As situações demandam respostas diferentes. Por fim, em sociedades que encaram todas as vidas humanas como iguais, o cuidado deve ser democrático e não exclusivo. Deve estar ao alcance de todos, algo que mostra-se um desafio em sociedades como as latino-americanas, como demonstra o sociólogo Guillermo Sunkel (2006), nas quais os regimes de provisão dos cuidados estão baseados nas famílias. Acrescentamos que noções como o amor, o dever ou a obrigação também orientam tais cuidados em regimes familistas.

Em texto que inspirou a presente reflexão, Fernanda Maria Fávere Augusto, Ivanete Pereira da Silva e Maurício de Miranda Ventura (2009), estudiosos dos campos da Medicina e do Serviço Social, lançam o foco sobre as narrativas de cinco filhos que desempenhavam o papel de cuidadores principais de pais idosos, estando estes com comprometimento cognitivo e acamados. O estudo aconteceu de dezembro a janeiro de 2009 em um hospital da cidade de São Paulo. O conflito entre estar cuidador e ocupar posição no

mercado de trabalho não fez parte da proposta da pesquisa de Ventura et al. (2009). Todavia, surgem elementos significativos e que conversam com alguns dos que aqui aparecem.

O universo de casos analisados por Augusto et al. (2009) era majoritariamente constituído por mulheres (4 cuidadoras e 1 cuidador), realidade que coincide com outros estudos empíricos que revelam uma ordem cultural na qual o cuidado é atrelado ao feminino. Além disso, a pesquisa contou com a colaboração de indivíduos adultos: 39, 45, 47, 48 e 60 anos. Curiosamente, os filhos não se percebiam como cuidadores dos pais. Revelaram também que não se sentiam preparados nem se imaginavam fazendo aquilo. Conforme os autores, essa “troca de papéis” (filhos que passam a cuidar dos pais), embora seja realidade de muitas famílias, não é enxergada por muitas outras. Ou seja, filhos não pensam que pais podem vir a ser dependentes de cuidados como troca de roupas, de fraldas ou de banho.

Além dos sentimentos de amor, de retribuição de favores e também de zelo, a tomada da responsabilidade pelo cuidado por parte dos filhos de pais idosos pode ter a roupagem de uma ação moral, visto que há uma lei brasileira – no caso, o Estatuto do Idoso [2003] – que responsabiliza os filhos enquanto mantenedores de pais idosos (AUGUSTO ET AL., 2009, p. 113). Apesar dos conflitos e da sobrecarga que os cuidados podem implicar mesmo em famílias com dois ou mais cuidadores possíveis, a responsabilidade pode ser ainda mais desafiadora para filhos únicos. E, de modo geral, ainda que o prestar cuidados seja um encargo cansativo e desafiador, a possibilidade de institucionalização dos cuidados ao idoso pode gerar sentimentos como a culpa e a vergonha, salientam Augusto et al. (2009).

À guisa de conclusão deste momento do escrito, cabe resgatar alguns apontamentos. Uma notável consequência do capitalismo financeirizado globalizante é a crise do cuidado que ele é incapaz de resolver, tampouco tem este propósito, uma vez que busca suprimir investimentos em bem-estar, com o intuito de maximizar ganhos.

Neste contexto, imerso numa lógica de concorrência, ganha destaque um indivíduo que deve comportar-se como empreendedor de si mesmo. Se engajado no mercado de trabalho e cobrado pela materialização de cuidados a dependentes, sobretudo em um contexto que não coloca à sua disposição políticas de cuidados, vê-se numa situação conflituosa.

A seguir, olharemos para as narrativas de filhos jovens e trabalhadores.

Filhos e Jovens ou Filhos-Jovens-Jovens

A juventude é caracterizada como o período entre a infância e a vida adulta. É uma fase da existência exaltada em nossa sociedade, sendo suas expressões tomadas como referências de estética, de mobilidade e de potência. A faixa etária que contempla tal momento é alvo de discussões. O Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013)³, contudo, considera jovens indivíduos com 15 a 29 anos. Vale ressaltar que indivíduos com 15 a 18 anos são contemplados também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990).

Aqui, houve a decisão de deixar de fora do foco a intercessão entre adolescência e juventude, ou seja, os chamados “jovens-adolescentes” (15 a 17 anos) e aqueles que atendem ao primeiro ano da categoria dos “jovens-jovens” (18 a 24 anos) conforme a Política Nacional da Juventude (SILVA; SILVA, 2011, p. 664). A mencionada Política Nacional da Juventude, como enfatizam Roselani Sodrê da Silva e Vini Rabassa da Silva (2011) em trabalho que provém do campo

³ A lei foi sancionada pela então presidenta Dilma Rousseff, com o propósito de proteger os direitos dos jovens brasileiros. O documento ressalta o direito destes à cidadania, à participação social e política e à representação juvenil, à educação, à profissionalização, trabalho e renda, à diversidade e igualdade, à saúde, à cultura, à comunicação e liberdade de expressão, ao desporto e ao lazer, ao território e à mobilidade, à sustentabilidade e ao meio ambiente, à segurança pública e ao acesso à justiça.

do Serviço Social, conta ainda com uma terceira categoria de jovens, a dos “jovens-adultos” (25 a 29 anos).

O convite para esta breve pesquisa foi direcionado a moças e rapazes que tinham entre 19 e 29 anos. Foram cinco os jovens que aceitaram colaborar aqui e, curiosamente e não propositalmente, todos podem ser enquadrados na categoria dos “jovens-jovens”: Camille (19), Pedro (20), José (20), Maria Isabelle (20) e Carlos (23). Os nomes aqui mostrados são fictícios e foram escolhidos pelos colaboradores no ato de preenchimento do questionário. O questionário possuía três etapas: 1) apresentação pessoal (2 questões); 2) mercado de trabalho e particularidades do ofício do colaborador (4 questões); 3) configuração familiar, relacionamento parental e possibilidades de cuidados aos pais em consonância com o trabalho (8 questões). Para que os jovens pudessem preenchê-lo foi pedido que atendessem a dois critérios: 1) que tivessem entre 19 e 29 anos; 2) que estivessem no mercado de trabalho. Foi relevada a possibilidade de não responderem àquela ou àquelas questões que julgassem incômodas. Suas respostas foram recebidas pelo primeiro autor via redes sociais, na forma escrita, e, posteriormente, dispostas em um quadro para fins de comparação.

Chamamos a atenção também para o fato de que a chamada para colaboradores foi viabilizada pelas funções *Facebook Stories* e *Instagram Stories* no mês de março do corrente ano. Tal circunstância remete-nos ao sociólogo Richard Miskolci (2016, p. 294), para quem as relações sociais contemporâneas têm sido construídas através das plataformas digitais no “contínuo *online/offline*”. Essas relações, enfatiza o estudioso, têm mudado os sujeitos, a sociedade e a forma de se fazer sociologia.

A partir de agora, contemplaremos o conteúdo trazido por nossos colaboradores. Camille é filha de pais separados. Atualmente mora com a mãe e com a irmã mais nova. Seu pai, com quem já morou em outros momentos, reside no estado de Rondônia. Pedro, por sua vez, enfatiza que seus familiares mais próximos, no momento, são o pai, a mãe, um irmão e duas sobrinhas. A família de José é constituída

pelo pai, pela mãe e por outros quatro irmãos. A família de Maria Isabelle é constituída pelo pai, pela mãe e por cinco irmãs. Carlos, por fim, tem pai, mãe e irmãos. A quantidade destes, porém, não foi especificada.

Sobre o enquadramento funcional dos jovens, Camille é assistente de farmácia. Pedro não revelou-nos seu ofício. José é atendente de loja. Maria Isabelle é operadora de inventários. Carlos é auxiliar de expedição e tratou de assinalar em suas primeiras linhas que, além do trabalho, tem outra ocupação: estuda Gestão da Informação. Todos estes têm algo em comum, definem o trabalho como algo transformador. O trabalho propicia-lhes conquistas materiais, estabilidade financeira e também uma nova forma de encarar o mundo e as pessoas. Seus relatos⁴ sobre a importância do trabalho em suas vidas revelaram o seguinte...

Camille: “Sempre quis trabalhar, desde muito pequena, não é atoa que comecei a trabalhar com 14 anos como menor aprendiz, meu trabalho até hoje foi uma das coisas que mais me moldou, me trouxe perspectiva de vida diferentes, uma vez que atendendo os pacientes bem críticos e com situações muito delicadas.”

Pedro: “Atualmente muito importante pois me dá uma estabilidade financeira.”

José: “Muito importante, pois tudo o que faço decorre dele.”... Posteriormente, o primeiro pesquisador questionou José via *WhatsApp* sobre o significado do “tudo” e obteve a seguinte resposta: “Tudo o que faço ou tenho decorre do meu trabalho pelo simples fato de ter outros irmão. É eles demandam mais atenção dos meus pais pois sou o mais velho. Então se eu quero ter ou fazer algo, faço sozinho... Exemplo foi minha CNH. Fiz tudo só. Até consegui-la.”

⁴ Optou-se por manter a grafia original dos colaboradores.

Maria Isabelle: “Ele [o trabalho] me ajuda a conquistar (mesmo que de forma demorada) os meus objetivos materiais; ele me ajudou em questão de lidar com pessoas diferentes e ter um entendimento maior de mundo.”

Carlos: “Essencial para a manutenção da minha vida, desde alimentação, a transporte entre trabalho e faculdade.”

Embora desponte como um viabilizador de realizações, aspectos não tão positivos do trabalho, como a baixa remuneração, a confusão entre espaço de casa e espaço de trabalho [ou transferência e sobretrabalho] e a quantidade exorbitante de coisas, cuja realização demanda mais tempo que o previsto, são apontados pelos jovens. Mostram-se evidentes ainda marcadores que constituem a ideia de indivíduo como empreendedor de si, tais como a aprendizagem contínua, a eficácia e o envolvimento com o trabalho (DARDOT; LAVAL, 2016). Quando perguntados sobre suas rotinas, responderam...

Camille: “Meu dia a dia é bem corrido, pois além de trabalhar eu também faço curso técnico de enfermagem, mas na questão do trabalho em si, é um ambiente gostoso de se trabalhar, porém trabalhar com pessoas já é difícil, trabalhar com pessoas doente é ainda mais, geralmente os dias passam muito rápido e o volume de coisas pra fazer é enorme, toda semana eu acabo fazendo horas extra.”

Maria Isabelle: “Super cansativo e estressante, trabalho muito, quase não folgo e recebo pouco.”

Carlos: “Por se tratar de uma rotina dupla, o dia a dia costuma ser muito corrido e atarefado levando em conta todas as atividades que o trabalho exige (costumo levar as situações do trabalho para casa).”

No que diz respeito ao relacionamento com os pais, os jovens Pedro e Camille apontam que possuem com eles uma relação “muito boa”. O jovem José enfatiza uma relação marcada por “altos e baixos”.

A jovem Maria Isabelle demonstra que a relação é tranquila, mas com atritos decorrentes de eventuais injustiças. E, para o jovem Carlos, há uma relação mais distante com o pai e mais estreita com a mãe.

Quando colocados hipoteticamente pelo questionário na situação de cuidadores de pais vulneráveis e dependentes, falaram em abandono de emprego, em conciliação entre cuidados e trabalho e também em obtenção de uma melhor condição financeira para suprir com as necessidades dos pais. As respostas de Camille, de Pedro, de José e de Maria Isabelle são exemplares.

Camille: “Tenho como exemplo o que vejo no Home Care, acredito que teria que deixar meu emprego pra poder cuidar de forma integral deles.”

Pedro: “Vejo com bons olhos, da mesma maneira que eles conseguiram conciliar trabalho e cuidar de mim tbm irei conseguir cuidar deles e trabalhar.”

José: “Imagino que deva ser algo difícil, porém necessário, basta tentar se adaptar.”

Maria Isabelle: “Eu espero que eles possam envelhecer sem precisar de cuidados extremos. Mas se isso acontecer eu sei que eu devo isso a eles. Eu imagino que eu já terei uma condição financeira boa o suficiente para poder passar por isso com eles.”

De modo geral, quando olham para filhos que cuidam de pais dependentes, veem nisto uma manifestação de amor, de gratidão e de nobreza. O cuidado aparece ainda na forma de contradádiva e também como encargo inerente aos filhos. Estas impressões não são diferentes daquelas observadas por Augusto et al. (2009). Quais dispositivos, quais práticas e quais saberes estão por trás desta reincidência? Ou ainda, o que faz com que as intenções de cuidados sejam revestidas por estes aspectos em situações assim? Cumpre responder a tais questões em oportunidades ulteriores. Em suas palavras, ao olharem para filhos cuidadores...

Camille: “Vejo muito disso no meu trabalho, filhos que precisam abandonar tudo e viver em prol de

um pai totalmente depende. Acho isso uma atitude muito nobre, os pais cuidaram de nós quando éramos pequenos e ingênuos, talvez cuidar deles na finitude deles seja uma forma de retribuir todo o cuidado que tiveram conosco.”

Pedro: “É um papel que por muitas vezes não há escolha, sendo assim acho necessário.”

José: “Acho muito importante e nobre na parte dos filhos.”

Maria Isabelle: “Eu penso que eles tiveram a humildade de entender a situação e fazer por aqueles que dedicaram a vida toda a eles a mesma coisa.”

Carlos: “Acho um gesto de gratidão e amor, cuidar daqueles que nos deram a vida. Acredito que se fosse em condições ideais, seria o ótimo, mas muitas famílias estão desmoronadas.”

Apesar das diferentes experiências, os colaboradores enxergam suas relações familiares de forma positiva. No relato de Camille, a família é percebida como “base e motivação para busca de melhorias”. Para Maria Isabelle, sua família possui “extrema importância”, uma vez que oferece um ambiente para que ela se abra e seja ela mesma. Carlos lança um olhar hierarquizante que privilegia a mãe em detrimento do pai, dada a maior proximidade com ela.

Ao considerarem a dependência dos pais em virtude de eventual doença e/ou envelhecimento - com exceção de Pedro, que não respondeu a esta pergunta -, todos os colaboradores demonstram comprometimento.

Camille: “No que eu conseguir fazer, cumprirei sim o meu papel.”

José: “Sim ,meus pais teriam todo o meu apoio em caso de doença ou velhice.”

Maria Isabelle: “Absolutamente, não sei como será porém eu vou estar junto pra qualquer coisa.”

Carlos: “Sim, meus pais contarão com meus cuidados, independente do tipo de criação que tive.”

Perguntou-se ainda se o assunto de cuidados futuros aos pais aparecem nos diálogos em família. As realidades apresentaram-se variadas, sendo tais diálogos marcados pela informalidade, pela falta ou pela reincidência.

Camille: “Aparece de maneira bem informal, mas geralmente quem fala isso é meu avô, e ele sempre fala que se um dia ficar dependente de cuidado de outras pessoas ele prefere morrer.”

Pedro: “Sim conversamos muito sobre quem irá cuidar de quem nos próximos anos, e mutuamente os filhos cuidaram dos pais.”

Maria Isabelle: “Não, se pareceu eu não estava presente.”

Carlos: “Em poucos momentos, mas quando aparece, acaba gerando polêmica. Como somos em bastante irmãos, a ideia de cuidar dos pais acaba se refletindo no caçula (no caso, eu).”

É chamativa a fala do avô de Camille, pois revela um enorme valor atribuído à noção de independência e uma frustração ao perceber a si próprio como sujeito passível de cuidados. Segundo a filósofa Eva Kittay (2011), apesar da importância colocada sobre a independência em nossas sociedades, ela é uma ficção. Indivíduos estão em relação uns com os outros e mostram-se dependentes o tempo todo. A dependência, argumenta Kittay, pode ser encarada como uma possibilidade para a cristalização de vínculos, ou ainda, para a gratificação, para a dignificação ou para a confiabilidade. O espectro de estar vulnerável e dependente é interpretado pelo avô de Camille como eventual estorvo às vidas de familiares. Há um receio quanto ao estorvo e contestar uma estrutura social que não centraliza o oferecimento de cuidados parece estar fora de cogitação.

Uma última indagação foi a seguinte: “Quais estratégias você criaria para conciliar cuidados aos dependentes e participação no mercado de trabalho?”. Curiosamente, apenas Camille e Maria Isabelle responderam a esta questão, e com quantidade expressiva de palavras em relação às demais respostas. No lugar da síntese, optamos por expor novamente seus relatos.

Camille: “Eu penso é muito difícil conciliar os dois, uma vez que pra continuar no mercado de trabalho eu deveria contratar uma terceira pessoa pra estar com eles quando eu estiver fora, porém acredito que lá no meu trabalho eu não teria um bom rendimento porque não tem como estar no trabalho sem pensar nos meus pais doentes em casa e com uma terceira pessoa tendo que cuidar deles. Se acontecer algum dia isso na minha família, acredito que a decisão que eu tomaria seria sair do emprego e me dedicar a finitude dos meus pais, lógico que levando em consideração se eu tiver alguma renda pra me manter.”

Maria Isabelle: “Eu planejo isso desde agora, eu estou estudando para conseguir um emprego melhor e criar uma reserva para minha aposentadoria o que também será usado para ajudar meus pais. Quanto ao trabalho eu espero que eu esteja aposentada e independente financeiramente assim, podem escolher se eu quero trabalhar ou não.”

Camille e Maria Isabelle objetivam usar suas potencialidades enquanto empreendedoras de si para oferecerem cuidados no futuro. Em outros casos, o encontro de tais potencialidades (indivíduo empreendedor de si/indivíduo provedor de cuidados) parece significar um confronto no qual apenas uma prevalece. De toda forma, uma aliança entre as duas (presente ou futura) não mostra-se totalmente confiável, pois o indivíduo provedor de cuidados pode ser colocado à prova pela ausência de renda, de políticas ou de perspectivas.

Considerações Finais

Neste exercício reflexivo, buscamos elucidar os relatos de cinco filhos jovens e trabalhadores (três rapazes e duas moças) sobre impressões e intenções de cuidados futuros aos pais, assumindo a configuração neoliberal de sociedade, sobretudo enquanto racionalidade, como uma das variáveis desafiadoras. Para tanto, perseguimos algumas questões centrais, cuja repetição se faz necessária aqui: Como filhas e filhos jovens enxergam a relação que possuem com seus pais? A ideia de possíveis cuidados aos pais é percebida como uma factibilidade pelos jovens, ou seja, é discutida e tida como possibilidade futura? Veem como viável uma conciliação entre cuidados a pais dependentes e mercado de trabalho? Por acaso têm intenções enquanto provedoras e provedores de cuidados?

Todos os jovens estão enquadrados no mercado de trabalho. Embora experienciem diferentes desafios, como falta de tempo, salários insuficientes e sobrecarga, apontam a possibilidade de concretização de realizações por meio de seus trabalhos. Ao mesmo tempo, aspectos de uma racionalidade neoliberal despontam como organizadores do presente e de intenções de cuidados, mas também parecem confrontar tais intenções.

Ao olharmos para suas famílias, percebemos a prevalência de uma ordem heteronormativa e feminizada. Sobre o relacionamento com pais e mães, usam expressões ou termos-chave como “muito boa”, “altos e baixos”, “tranquila”, “atritos” e “distância” como definidores de suas vivências.

Quando confrontados com a possibilidade de vulnerabilidade e de dependência dos pais, os jovens demonstram comprometimento para com eles. São visíveis as ideias de apoio, de papel e de reciprocidade. Além disso, diálogos sobre a provisão de cuidados aparecem [ou não aparecem] em intensidades variadas conforme as famílias. A discussão, entretanto, vêm por meio dos sentimentos, não muito como consciência da necessidade ou das responsabilidades

coletiva e social. Encontra-se no privado, na relação que os jovens estabelecem com os pais. Se o tema só chega nas pessoas por razões de vínculos afetivos, isto é revelador da ausência de uma discussão mais ampla.

Como demonstrado por Fraser (2020), é problemático um encadeamento entre estada no mercado de trabalho e provisão de cuidados no contexto do capitalismo financeirizado globalizador. Como trazido pelos jovens, esse embate demanda preparo financeiro prévio (Maria Isabelle), um acúmulo de responsabilidades cuja sobrecarga não é algo imaginável no presente (Pedro) ou ainda o abandono do emprego para assumir os cuidados (Camille). O abandono, no entanto, não é algo possível sem uma renda.

Referências

- AUGUSTO, Fernanda Maria Fávere; SILVA, Ivanete Pereira da; VENTURA, Maurício de Miranda. Filhos cuidadores: escolhas, mudanças e desafios. *Kairós*, v. 12, n. 2, 2009.
- BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Estatuto da Juventude. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 5 ago. de 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 06 ago. 2020.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FRASER, Nancy; SOUSA FILHO, José Ivan Rodrigues de. Contradições entre capital e cuidado. *Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)*, v. 27, n. 53, p. 261-288, 2 jul. 2020.
- HOCHSCHILD, Arlie. Nos bastidores do livre mercado local: babás e mães de aluguel. In: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araújo (Org). *Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Atlas, 2012. p. 185-200.
- KITTAY, Eva Felder. The Ethics of Care, Dependence and Vulnerability. *Ratio Juris*, Nova Jersey, v. 24, n. 1, p. 49-58, Mar. 2011.

- MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 6, n. 2, p. 275-297, jul./dez. 2016.
- RIBEIRO, Nádia Junqueira; BRESSIANI, Nathalie. “Nancy Fraser: O neoliberalismo não se legitima mais”. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/nancy-fraser-o-neoliberalismo-nao-se-legitima-mais>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- SILVA, Eduardo da. *Da Luta à Espera: as experiências de acompanhantes-cuidadoras de doentes com câncer*. 127 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.
- SILVA, Roselani Sodr e da; SILVA, Vini Rabassa da. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. *Cad. CRH*, Salvador, v. 24, n. 63, p. 663-678, dez. 2011.
- SUNKEL, Guillermo. El papel de la familia en la protección social en la América Latina. In: *Serie Políticas Sociales*, n. 120. Chile: CEPAL, abril de 2006.
- TRONTO, Joan. *Riesgo o cuidado*. Buenos Aires: Fundación Medife Edita, 2020.